

Karine Siqueira Cabral Rocha

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

(Organizadoras)



TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) E A ÉTICA EM SAÚDE

Karine Siqueira Cabral Rocha

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

(Organizadoras)



TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) E A ÉTICA EM SAÚDE

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Biológicas e da Saúde

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
 Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes
 Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza
 Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
 Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
 Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
 Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
 Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
 Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
 Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia
 Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
 Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
 Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
 Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio
 Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
 Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria
 Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
 Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Tecnologia da informação e comunicação (TICs) e a ética em saúde

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Correção: Maiara Ferreira

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadoras: Karine Siqueira Cabral Rocha
Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T255 Tecnologia da informação e comunicação (TICs) e a ética em saúde / Organizadoras Karine Siqueira Cabral Rocha, Natália de Fátima Gonçalves Amâncio. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0809-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.093231101>

1. Tecnologia da informação. 2. Comunicação. I. Rocha, Karine Siqueira Cabral (Organizadora). II. Amâncio, Natália de Fátima Gonçalves (Organizadora). III. Título.

CDD 658.4038

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Este livro compreende uma coletânea de textos elaborados por diferentes autores acerca da *Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs)* e a *Ética em Saúde*. Os capítulos foram construídos a partir de um projeto científico elaborado para o Componente Curricular Habilidades de Informática III, do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas –UNIPAM.

A coleção “Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) e a Ética em Saúde” é uma obra que tem como foco principal a discussão teórica para construção do conhecimento e contribuição das tecnologias digitais universais para as ações em promoção da saúde, favorecendo assim às intervenções transformadoras neste campo.

Os avanços na área das TICs influenciam os mais diversos contextos sociais, inclusive o âmbito da saúde. Por consequência, há o desenvolvimento da discussão sobre a influência das TIC’s na ética e no profissionalismo médico. Esse cenário sugere uma atitude bioética reflexiva e cautelosa em relação às inovações tecnológicas que permeiam a saúde na contemporaneidade.

Elaborada com cuidado e sensibilidade, a coletânea aborda de forma clara e pontual questões delicadas e extremamente relevantes, vinculadas a temas éticos sob o contexto social; conflitos bioéticos e morais envolvidos na área da saúde e pesquisa; direitos humanos no campo social, político, econômico e cultural e habilidades para a comunicação e informação em saúde.

As tecnologias digitais oferecem possibilidades interessantes para as práticas em saúde, contribuindo assim para uma atuação inovadora, qualificada e humanizada nas ciências da saúde.

Uma ótima leitura a todos!

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

Karine Siqueira Cabral Rocha

A era digital trouxe grandes desafios. O primeiro é fazer com que pelo menos três gerações diferentes consiga comunicar-se entre si sem conflito, o que parece simples mas não é em essência: a geração dos nossos pais nascidos nas décadas de 40 a 60 conheceu o digital, nossa geração que nasceu de 70 a 80 se adaptou ao digital e as gerações em diante dominam e usam preferencialmente o digital, o que causa um conflito que vai além das diferenças das gerações e sim da diferença da compreensão do uso do digital, com mais uma barreira para a boa continuidade da história da humanidade.

Quando levanto tal hipótese lembro-lhes que temos de conviver com o digital em suas várias mídias e seus vários propósitos e limitações como os usuários do twitter que não gostam ou mesmo sabem ler, os usuários do Instagram que tem preguiça de se informar, mas pressa de se exhibir e os fiéis seguidores do Youtube que não gostam de estudar, mas são ávidos para conhecer de tudo (ainda que superficialmente...).

Em toda essa dificuldade, precisamos voltar a entender a diferença entre moral e ética. Sabendo que a moral pertence a um código de costumes de um grupo de pessoas em uma determinada época, como sincronizar a moral dos diversos grupos da sociedade frente a seus anseios sobre a medicina - que é um bem universal? Diante dessa impossibilidade, já que os grupos são muitos e as visões de mundo são muitas vezes diametralmente opostos, sobrecarregamos a ética, que versa justamente sobre a discussão que deve existir sobre valores morais. Exemplo: numa situação calamitosa, onde 10 pessoas estão num barco em que cabem 9 e que portanto, vai afundar e matar a todos, é moral sacrificar um dos ocupantes. Sem a ética, não haveria a discussão sobre quem deve viver e quem deve morrer e porque... Assim é a sociedade: uma discussão incessante sobre excludentes e excluídos, que no caso do acesso remoto que a telemedicina proporciona, diminui a distância entre os centros de excelência profissional e o paciente cujo diagnostico não foi obtido por falta de recursos humanos ou tecnológicos.

Quando falamos em COVID 19, é importante lembrar que não estávamos tão prontos assim para o EAD. Se a interface de ensino muda, tal qual os materiais e métodos devem mudar, bem como a didática e o formato: se conseguimos ficar uma noite longo em uma reunião entre amigos ouvindo histórias, temos dor nas costas em ficar mais de 90 minutos em um cinema, e assim é também o ensino a distância - depende de um modelo que se adeque desde a forma de prender atenção até o cuidado ergonômico de quem atende a este tipo de ensino deitado de lado em sua cama procurando mais conforto tentando compensar o desconforto cognitivo que é olhar para uma tela e que já era percebido desde que bravamente resistimos a leitura de e-books em favor do bom e velho livro

de capa dura.

Observando tudo isso, discutimos a nova medicina baseada em evidências, que agora precisa de verificação, checagem de dados e é sujeita a políticas acadêmicas que as vezes inadvertidamente transpiram políticas ideológicas - o que foi bom, pois fomos forçados a rever conceitos de estatística que deixamos no 2o semestre do primeiro ano de faculdade. Antes de tudo isso olhávamos brevemente o Abstract, hoje, olhamos suficientemente os Materiais e Métodos antes de formar nossa opinião ou ministrar uma aula.

Muitos não gostaram, mas médicos ficaram mais acessíveis a seus pacientes, menos intocáveis. Aos que não gostaram, reclamam de terem perdido o respeito a liturgia do cargo (quando na verdade alguns interpretavam como uma quase-divindade), aos que entenderam que estar próximo ao seu paciente como um ser humano que é cheio de empatia, foi concedido o caminho beneditino da santidade. Nunca a população precisou tanto de profissionais médicos. E nunca médicos tiveram tanta força individual quanto concedida pelas redes sociais e pelo digital. Contudo, é necessário discutir todas estas condições para que a classe tão desunida dos médicos, com muitos em posições executivas, prefere dividir ainda mais os profissionais do que uni-los em uma classe firme, coesa e que se expressa com vigor e atua com seriedade.

Recomendo a leitura cuidadosa: nosso futuro já está fora das nossas mãos e em telas a milhares de quilômetros de distância, e como a sabedoria diz: todo recurso que traz poder, encerra em si próprio pela mesma razão, uma imensa fraqueza.

O que faremos então: Exponenciaremos a separação que sempre existiu entre os médicos ou resolveremos essa insolvência em nossos comportamentos discordantes para nosso bem e por conseguinte o bem de todos aqueles que precisam de um médico? Todos aqueles que nascem, pensam, amam e morrem estarão atentos a esta decisão.

Sem mais delongas, desejo-lhes uma ótima leitura!

Paulo Cavalcante Muzy

Médico

6 milhões de seguidores no Instagram

2,5 milhões no Tik Tok

920 mil no Youtube

CAPÍTULO 1 1**WHATSAPP NA PRÁTICA MÉDICA: FERRAMENTA AUXILIAR E ASPECTOS ÉTICOS**

Flávia Garcia Freitas
Arthur Anderson Silva
Lucas Ribeiro Marques Campos de Oliveira
Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311011>

CAPÍTULO 2 10**ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 PARA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA**

Alyne Maria de Brito Medeiros
Yasmine Cunha Farias
Bethânia Cristhine de Araújo
Vinicius de Paula Castro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311012>

CAPÍTULO 3 18**A UTILIZAÇÃO DAS TICS RESPEITANDO A ÉTICA PROFISSIONAL MÉDICA**

João Pedro Fernandes Marques
João Pedro Bicalho Borges de Andrade
Danyane Simão Gomes
Mariluce Ferreira Romão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311013>

CAPÍTULO 426**O IMPACTO DO ACESSO À INFORMAÇÃO EM SAÚDE NAS MÍDIAS SOCIAIS SOBRE INDIVÍDUOS**

Maria Isadora Nogueira
Laura Cecília Silva Alves
Elisângela Aparecida Galdino Menezes
Lucas Ribeiro Marques Campos de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311014>

CAPÍTULO 535**A INFLUÊNCIA DAS REDES DE COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE**

Jordana Fernandes Pereira da Silva
Ana Flávia Eugênio Santos Mori
Meire de Deus Vieira Santos
Natália de Fatima Gonçalves Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311015>

CAPÍTULO 644**A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA EM SAÚDE VISANDO O APRIMORAMENTO E AVANÇO TECNOLÓGICO NA PRÁTICA MÉDICA**

Gabriele Coimbra de Souza

Maryana Cimetta de Oliveira

Luciana Mendonça Arantes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311016>**CAPÍTULO 752****O AVANÇO DA MEDICINA DIANTE DA TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E SEU IMPACTO SOBRE ASPECTOS ÉTICOS**

Gustavo Henrich Pereira Nunes

Daniel Paulino Braga

Priscila Capelari Orsolin

Renato Ventura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311017>**CAPÍTULO 858****ÉTICA E PUBLICIDADE MÉDICA**

Giovanna Ribeiro Amaral de Carvalho

Ana Carolina Nakao e Borges

Giselle Cunha Barbosa Safatle

Jonatha Cajado Menezes e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311018>**CAPÍTULO 964****ASPECTOS ÉTICOS DA TELEMEDICINA**

Ayrton Soares Melo Neto

Pedro Henrique Ribeiro

Mônica Soares de Araújo Guimarães

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0932311019>**CAPÍTULO 1072****MEDICINA BASEADA EM EVIDÊNCIAS E A TECNOLOGIA**

Bárbara Emanuelle Mendes Magalhães

Gabrielly Gonçalves Vieira

Juliana Ribeiro Gouveia Reis

Everton Edjar Atadeu da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.09323110110>**CAPÍTULO 1178****O USO DA TECNOLOGIA NO APRENDIZADO DA ANATOMIA E CIRURGIA**

Vitor Hugo Oliveira

Lucas Goulart de Queiroz

Mariluce Ferreira Romão

Dulcídio de Barros Moreira Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.09323110111>

CAPÍTULO 12.....88

OS BENEFÍCIOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NO MARKETING MÉDICO

Jorge Vieira Mesquita

Pedro Eduardo Pereira Assunção

Henrique Hatanaka Lemos

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.09323110112>

CAPÍTULO 13.....97

SIGILO PROFISSIONAL EM SAÚDE

Nayara Francielle de Castro

Natália Paniágua de Andrade

Bethânia Cristhine de Araújo

Rafaela Lara Silva Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.09323110113>

SOBRE O PREFACIANTE 104

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 106

O IMPACTO DO ACESSO À INFORMAÇÃO EM SAÚDE NAS MÍDIAS SOCIAIS SOBRE INDIVÍDUOS

Data de aceite: 17/11/2022

Maria Isadora Nogueira

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Laura Cecília Silva Alves

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Elisângela Aparecida Galdino Menezes

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

Lucas Ribeiro Marques Campos de Oliveira

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Brasil.

em 2019, 82,7% dos domicílios nacionais possuíam acesso à *internet* (IBGE, 2019). A democratização da conexão às redes, bem como a conveniência e velocidade do alcance da informação contribuíram para que a população encontre on-line ferramentas para sanar dúvidas, além da exposição a diversos conteúdos. Nesse sentido, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), conjuntos de recursos tecnológicos, como *hardwares* e *softwares*, surgem a fim de democratizar conhecimentos variados, como cultura, política e saúde. Nesse viés, essas ferramentas auxiliam na promoção do protagonismo do indivíduo frente a própria saúde (CASTRO et al., 2022).

Diante disso, “surge, então, a figura do paciente *expert*, aquele que busca ativamente informações online sobre a sua saúde, tratamento, sintomas e custos” (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018). O acesso a esses conhecimentos pode ser por informações médicas, relatos pessoais, opiniões e vivências individuais ou pela

O aumento da aquisição da *internet* pelos cidadãos, no Brasil, nas últimas décadas, é notório. Segundo o levantamento de dados realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

troca de experiências em redes midiáticas. Por conseguinte, “estes pacientes se tornam ‘experts’ em experiências, produzem conhecimento e querem ter voz em todos os aspectos relacionados às suas doenças” (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018). Entretanto, as informações obtidas para construir esse conhecimento nem sempre são verídicas ou possuem fundamentação científica.

Nessa perspectiva, “*fake news* são, segundo o Dicionário de Cambridge, histórias falsas que, por manterem a aparência de notícias jornalísticas, são disseminadas pela internet (MANSO et. al, 2019)”. Normalmente, são difundidas com o objetivo de influenciar na tomada de decisão relacionada com os cuidados de saúde, podendo levar a um aumento de autodiagnósticos. Visto isso, segundo Massarani et al. (2020), “as *fake news* consistem em um importante problema contemporâneo não apenas do ponto de vista social e político, mas também para a saúde pública”.

Além disso, segundo Barros Junior (2019), uma vez que as redes de comunicação ocuparam um espaço significativo na vida da maioria dos brasileiros, é natural que profissionais da área de saúde também aproveitem esses recursos midiáticos, em busca de auto divulgação. Contudo, o Conselho Federal de Medicina, por meio do Código de Ética Médica (2010) veda, por intermédio do Artigo 111, “permitir que sua participação na divulgação de assuntos médicos, em qualquer meio de comunicação de massa, deixe de ter caráter exclusivamente de esclarecimento e educação da sociedade”.

Como mencionado, o médico deve atuar promovendo a saúde, por meio do aprendizado em saúde, sempre em busca de uma prevenção coletiva e não limitado ao tratamento das enfermidades. A vista disso, a educação em saúde envolve ações para orientar a população acerca de práticas saudáveis e responsáveis (SILVA et. al, 2020). Por fim, em um período marcado pela excessiva produção e consumo de informações, a educação em saúde é uma alternativa eficaz para contrapor a desinformação (SOUZA et. al, 2020).

1 | PACIENTE EXPERT

A palavra “*Internet*” é a abreviatura da expressão “*Interconnected Networks*”, traduzida para o português como “redes interligadas” (LEANDRIN, 2018). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil em 2019, 82,7% dos domicílios possuíam essa rede virtual, sendo a maioria dos usuários indivíduos entre 14 e 39 anos. Dessa forma, a popularização da *internet* potencializou o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que, de maneira simplificada, são máquinas e programas que possibilitam a comunicação e o acesso ao conhecimento (CASTRO et al., 2022).

Isso posto, a área que abrange a medicina passou a utilizar as TICs para variados

propósitos, como: teleconsulta e melhora na comunicação entre médico-paciente. Além disso, a partir dessa tecnologia, o acesso democrático às informações corroborou para o protagonismo do indivíduo frente à própria saúde (CASTRO et al., 2022). Nessa perspectiva, a *internet* apresenta inúmeros sites que abordam temas referentes ao processo saúde-doença e por essa razão as TICs têm se tornado um dos principais veículos desses tipos de informações. (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008).

Nesse seguimento, surge, então, a figura do paciente *expert*, termo esse designado para representar aqueles indivíduos que buscam ativamente, por meio das tecnologias, informações sobre saúde, incluindo, além do conhecimento técnico, relatos de experiências e opiniões diversas (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018). Nesse sentido, segundo Moretti et al. (2012), 86% das pessoas entrevistadas para uma pesquisa brasileira relatam que a internet é a principal fonte de informação sobre saúde, superando inclusive à opinião de médicos ou especialistas (74%). Logo, nota-se que as TICs se tornaram essenciais para a disseminação de conhecimentos relacionados ao corpo humano e a fisiopatologias.

Tendo isso em vista, apesar de todo o benefício advindo do protagonismo do paciente *expert*, há também malefícios válidos de serem discutidos. Nesse sentido, alguns indivíduos podem se tornar resistentes a orientações profissionais, além disso, o acesso a grandes quantidades de informações não necessariamente capacita os usuários a identificar a autenticidade do que consomem. Para mais, o aumento exponencial do acesso a conhecimentos, também torna a internet um lugar propício para a disseminação de *fakes news* (MASSARANI et al., 2020).

2 | FAKE NEWS

Fake News, traduzido para o português como “notícias falsas”, é o termo resignado para expressar as informações sem veracidade e com baixo cunho racional. Esses conteúdos ilegítimos são, na maioria das vezes, estruturados em formato jornalístico, o que contribui para um caráter de confiabilidade aos receptores desta mensagem (MATOS, 2020). Visto isso, é importante considerar que a circulação desse tipo de discurso não é restrita aos meios e aos profissionais jornalísticos. Na verdade, devido ao grande acesso da população mundial à internet, a divulgação de *fake news* ocorre não somente em programas de televisão, revistas ou jornais impressos, como também nas mídias sociais, como *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* (GOMES; PENNA; ARROIO, 2020).

Com isso, a produção de notícias falsas, somadas a alta velocidade de compartilhamento destas nas redes sociais, acabam por persuadir muitas pessoas, influenciando na tomada de grandes decisões em sociedade. Logo, manifestam-se consequências preocupantes como, por exemplo, no cenário político: eleições baseadas

em ficção; e na área da saúde: movimentos antivacina e, por conseguinte, reaparecimento de doenças erradicadas. Além disso, é comprovado que pessoas com menor renda e menor escolaridade estão mais suscetíveis às *fake news*, tornando o conhecimento verdadeiro sobre o mundo e a vida um privilégio aristocrata (GOMES; PENNA; ARROIO, 2020).

Isto posto, a difusão de informações falsas vem conduzindo o mundo à era da “pós-verdade”, marcada pela manipulação das emoções e das crenças pessoais com a finalidade de influenciar a opinião e as atitudes públicas ou particulares (GOMES; PENNA; ARROIO, 2020). Em síntese, esse neologismo caracteriza o fenômeno no qual o ponto de vista da população geral reage mais a apelos emocionais do que a fatos verdadeiros e objetivos. Consequentemente, isso transforma as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em um terreno fértil para a desinformação em massa, gerando graves problemas públicos de saúde (MATOS, 2020). Além disso, a era pós-verdade, relacionada com a *fake news*, cria sociedades ignorantes, limitadas e regressistas, com indivíduos sem autonomia, bom-senso crítico e veracidade.

3 | OPINIÃO MÉDICA

O exercício da medicina é influenciado por valores, pensamentos e práticas vigentes nas sociedades em diferentes contextos e demandas. Apesar das constantes mudanças que ocorreram na última década, com o advento e expansão da internet e, mais recentemente, das mídias sociais (CASTRO et al., 2022). Assim, a ética médica segue princípios postulados desde Hipócrates, filósofo grego referência no que tange assuntos éticos. Nesse sentido, noções como, relação médico-paciente, princípio de beneficência e não maleficência, atenção integral e humanizada, já eram pautas discutidas antes mesmo de serem consolidadas como preceitos da atenção medicinal na atualidade. Entretanto, esses conceitos, bem como os pilares da ética médica, devem ser novamente revisados, a fim de adequarem-se as novas demandas sociais contemporâneas.

3.1 Pontos Negativos da Exposição da Opinião Médica na Internet

“Na medicina, o primeiro cuidado recai sobre a relação médico-paciente e a ausência de privacidade na era digital” (CESARINO, ARAUJO, BACK, 2015). Nos últimos dois anos, após a pandemia do COVID- 19, o termo telessaúde ganhou notoriedade. Em paralelo, as Tecnologias de Informação e Telecomunicação (TICs) foram consolidadas para abranger “serviços, atividades de treinamento e de informação em saúde para provedores assistenciais multidisciplinares e para pacientes, configurando um campo mais ampliado denominado telessaúde” (BASHSHUR et. al, 2011). Os impactos desse novo modelo na relação entre os médicos e seus pacientes podem ser refletidos na ausência da interação

comunicativa presencial, que promove confiança e segurança, contribuindo para melhor compreensão e aceitação de aspectos relacionados à saúde, maior adesão aos tratamentos, melhoria no prognóstico.

Assim, esses fatores podem ser comprometidos pelo distanciamento promovido ao levar o consultório as plataformas on-line. Ademais, essa nova configuração diverge de premissas voltadas à estruturação da prática em saúde, a qual o Brasil vem caminhando, com base nos princípios de territorialização do SUS, em destaque o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que expandiu as Unidades Básicas de Saúde da Família, corroborando para, em 21 de outubro de 2011, instaurar a Portaria nº 2.488/GM/MS, que aprovou a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) (BRASIL, 2011).

Desse modo, todas essas políticas, visam à garantia da integralidade ao acesso a saúde pelo indivíduo, cada vez mais próximo de sua casa, democraticamente, reservando todos os seus direitos, incentivando a criação de vínculo entre a população e a Equipe de Estratégia de Saúde da Família, presentes nas ESF. Por conseguinte, “a soberania de uma boa relação médico-paciente tem sido focalizada como um aspecto-chave para a melhoria da qualidade do serviço de saúde” (ARDIGÒ, 1995). Além disso, “desdobra-se em diversos componentes, como a personalização da assistência, a humanização do atendimento e o direito à informação” (ARDIGÒ, 1995).

É dever do médico, de acordo com o princípio de não maleficência, previsto no Código de Ética Médica, além de prover o melhor tratamento, garantir que suas ações não repercutam em nenhum dano ao paciente ou sua saúde. Isso se aplica a qualidade e resolubilidade do atendimento prestado. Contudo, reflete também, no contexto atual, na era das mídias sociais, ao comportamento esperado para profissionais da saúde em seus perfis em redes sociais, como especialistas e formadores de opinião. Todavia, “é comum casos de comentários depreciativos sobre pacientes, violação do sigilo médico e o uso das redes sociais para o mau exercício da medicina (aconselhamentos sem vínculo profissional e exposição de títulos sem credenciais)” (CESARINO, ARAUJO, BACK, 2015). “Aproximadamente 20% do que é exposto por médicos e acadêmicos de medicina em uma rede social estaria fora dos padrões considerados aceitáveis, do ponto de vista de postura ético-profissional” (CESARINO, ARAUJO, BACK, 2015). Esses dados sustentam o questionamento se esses profissionais estariam esclarecidos sobre quais comportamentos são aceitáveis em sua posição de formadores de opinião em saúde, tal como quais seriam os limites entre o privado e o profissional nesse meio.

3.2 Pontos Positivos da Exposição da Opinião Médica na Internet

Apesar de os pontos negativos da exposição da opinião médica na internet gerarem preocupação, especialmente por ainda não ter seus limites muito claros, o Código de Ética Médica e as Resoluções do Conselho Federal de Medicina (CFM) orientam sobre os limites da divulgação, “de modo a evitar que o médico utilize desse meio para se autopromover e/ou anunciar o seu trabalho de forma sensacionalista” (LIMA et. al, 2020). Nesse sentido, é esperado que os prós superem os contras à medida que os profissionais passem a receber informações referentes aos limites de suas ações no ambiente virtual e adequá-las, assegurando o que é preconizado pelo CFM. Logo, os impactos recaem sobre a interação entre médicos, pacientes e a sociedade, “fazendo aflorar preocupações quanto aos deveres profissionais de respeito e de zelo, sem, entretanto, deixar de reconhecer os potenciais benefícios da nova ferramenta” (CESARINO, ARAUJO, BACK, 2015).

Dentre essas vantagens, destacam-se profissionais da saúde oportunizando meios que possibilitam contato direto com seus pacientes; uma possibilidade para divulgar os seus serviços, organizando-se como categoria para compartilhar informações de seus interesses, e ofertando informações sobre educação em saúde à população em geral. (MARTORELL, 2017) Nesse sentido, um paciente poderá entrar em contato com o médico para sanar dúvidas pontuais, como o esclarecimento acerca da dosagem de uma medicação previamente prescrita, ou, se um possível efeito colateral é esperado ou sugestivo de uma resposta potencialmente grave. Ademais, os médicos podem recorrer à outros especialistas, artigos, manuais oferecidos por órgãos como Sociedades Médicas, Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde, com o objetivo de se atualizarem, discutirem com outros profissionais condutas, compartilhar experiências prévias, buscar referenciamento de dados, estudos. Portanto, de um lado há a exposição de informações de pacientes, mas, de outro, o interesse em dar maior celeridade e segurança às intervenções médicas, facilitando o contato entre colegas de diferentes especialidades (MARTORELL, 2017).

Outrossim, é importante para democracia em saúde que o paciente tenha conhecimento total sobre seu quadro clínico, o que muitas vezes é dificultado pela limitação dos 15 minutos de atendimento, tempo médio orientado pelo Manual de Auditoria de Atenção Básica do Ministério da Saúde. As ferramentas on-line são uma boa forma de possibilitar a esse indivíduo, acesso à opinião médica de outros especialistas, que pode colaborar, mas não substituir, com o atendimento previamente realizado. Também, há inúmeras plataformas que disponibilizam gratuitamente artigos científicos, com satisfatórios níveis de evidência, que servem como propedêutica, para o paciente orientar suas dúvidas a serem sanadas com o médico que lhe presta atendimento. Para efetividade da realização

desse processo, de modo harmônico e proveitoso, é necessário imprescindível investir em práticas de educação em saúde.

4 | EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Um dos requisitos fundamentais para a saúde é a educação, assim, a promoção da saúde apoia o desenvolvimento pessoal e social através da divulgação de informações, educação em saúde e intensificação das habilidades vitais. (SALCI et. al, 2013). Esses três critérios são acessados pela população, em muitas das vezes, on-line. Nessa perspectiva, “pesquisas demonstraram que a Internet, atualmente, aparece disputando com médicos como a principal fonte de aconselhamento em saúde” (COSTA, 2020).

A educação em saúde apresenta-se então necessária em um contexto de facilitação do acesso ao conhecimento, visto que, é ela que irá orientar os pacientes ao seu cuidado individual e coletivo, proporcionando autonomia e trazendo-o para o centro da compreensão de seu quadro de saúde e da comunidade em que vive. Uma vez informado de sua condição clínica, através da busca e troca de informações no ambiente virtual permite-se uma maior emancipação sobre suas escolhas, levando-o a questionar as informações de seu médico, o que não significa que as fontes de informação sejam excludentes, mas sim complementares (NETO, 2017).

Os indivíduos alfabetizados em saúde têm a capacidade de encontrar, interpretar e aplicar informações de saúde tornando-os comunicadores mais eficientes e participantes na assistência clínica (MARTORELL, 2017). Tais fatores contribuem para a redução das fake News, já que, uma vez dotado desses conhecimentos, o cidadão será capaz de filtrar os informes que recebe da rede, seja de sites, redes sociais, opiniões de especialistas.

Dessa forma, à medida que tornarem-se educados em saúde, serão críticos satisfatórios, na posição de pacientes experts, em relação ao tratamento de saúde que recebem, a disponibilidade de políticas públicas voltadas a comunidade em que vivem, confluindo para garantia da participação popular, preconizada por meio da Lei nº 8.142/90, de 1993. Isto posto, a educação em saúde envolve ações para orientar a população acerca de práticas saudáveis e responsabilidade em saúde, com a participação de diferentes categorias da saúde, além de propiciar a atuação interprofissional” (SILVA, 2020).

5 | CONCLUSÃO

Em suma, conclui-se que o acesso à informação em saúde nas mídias sociais de fato impacta na vida das pessoas, especialmente por intermédio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que se tornaram mais notórias com o aumento do

uso da internet. Esse cenário, propiciou uma onda de informações, dentre elas opiniões médicas, que muitas vezes fogem dos princípios éticos que regulam a prática da medicina. Além disso, surgiram milhares de *fake news*, as quais modulam padrões de decisão nos pacientes em relação a própria saúde. Como resultado, emergiu a figura do paciente *expert*, que apesar de assumir um protagonismo a respeito de diagnósticos, possibilidades terapêuticas e prognósticos, também trouxe malefícios, já que a maioria dos indivíduos não são capacitados para identificar a autenticidade das informações disponíveis nas redes digitais. Como alternativa, destacam-se as educações em saúde que promovem o letramento científico, especialmente em mídias, a fim de tornar os pacientes capazes de discernir a veracidade do conteúdo a que são expostos.

REFERÊNCIAS

ARDIGÒ, A., 1995. *Corso di Sociologia Sanitaria I Scuola di Specializzazione in Sociologia Sanitaria*. Bologna: Università di Bologna.

BARROS JUNIOR, Roldão Alves de. Médico e influenciador: um estudo sobre a comunicação em saúde no Instagram. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste)**. Goiânia, GO. 2019.

Bashshur R, Shannon G, Krupinski E, Grigsby J. The taxonomy of telemedicine. *Telemed J E Health* 2011; 17:484-94.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 4. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

CASTRO, Gabriel Machado de. et al. A relevância e influência dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação para o comportamento e a ética médica. **Brazilian Journal of Health Review**. Curitiba, v.5, n.1, p.1921-1928 jan./fev. 2022.

CESARINO, M. N., ARAUJO, E. J.; BACK, I. de C.; O comportamento de médicos e acadêmicos de medicina na rede social: uma análise de 800 manifestações, **Arquivos Catarinenses de Medicina**, 2015.

Código de Ética Médica, Conselho Federal de Medicina, Brasília, 2010. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM – BRASIL). Código de ética médica. Brasília, 1990.

COSTA, B. B.; VIEGAS, D. J., MOREIRA, T. A.; ABREU P. A., O movimento antivacina no YouTube nos tempos de pós-verdade: educação em saúde ou desinformação? **Revista Mídia e Cotidiano**, 2020.

FERNANDES, Larissa de Siqueira; CALADO, Camila; ARAUJO, Claudia Affonso Silva. Redes sociais e práticas em saúde: influência de uma comunidade online de diabetes na adesão ao tratamento. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. v.23, out. 2018.

GARBIN, Helena Beatriz da Rocha; PEREIRA NETO, André de Faria; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v.12, n.26, p.579-88, jul./set. 2008.

GOMES, Sheila Freitas; PENNA, Juliana Coelho Braga de Oliveira; ARROIO, Agnaldo. Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento. **Ciência & Educação**. Vol. 26. Bauru, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2019. Rio de Janeiro, 2019.

LEANDRIN, Fernando Henrique Anadão. O direito de acesso à Internet. **Repositorio PUC-SP – Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação da PUC-SP**. São Paula, 2018.

LIMA, B. A. N.; FURTADO, M. S.; CARVALHO, J. M. L.; COSTA, P. G.; MELO, V. F. C. M., Conflitos éticos no ambiente acadêmico de medicina, **Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança**. João Pessoa-PB. 2020.

MANSO, Maria Elisa Gonzalez et. al. Fake News e Saúde da Pessoa Idosa. **Revista Longevidade**, Ano I, n.2, abr-maio-jun 2019.

MARTORELL, L. B., Uso de mídias sociais: um caso de urgência e emergência para profissionais da saúde, **Revista Brasileira de Odontologia Legal RBOL**. 2017.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. **Cadernos de Saúde Pública**. v.36, suplemento 2, 2020.

MATOS, Rafael Christian de. Fake news frente a pandemia de COVID-19. **Vigilância Sanitária em Debate**. Vol. 8, núm. 3, pp. 78-85. Julho-Setembro, 2020.

MORETTI, Felipe Azevedo; OLIVEIRA, Vanessa Elias de; SILVA, Edina Mariko Koga da. Acesso a informações de saúde na internet: Uma questão de saúde pública? **Rev. Assoc. Med. Bras**. 2012.

SALCI, M. A.; MACENO, P.; ROZZA, S. G.; SILVA, D. M. G. V.; BOEHS A. E., HEIDEMANN I. T. S. B.; Educação em Saúde e Suas Perspectivas Teóricas: Algumas Reflexões, **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, 2013.

SILVA, Márcia Maria Santos da. et al. Inserção de saberes em mídias sociais para educação em saúde na pandemia de COVID-19, **SANARE** (Sobral, Online), jul-dez 2020.

SOUZA, Thaís dos Santos de et al. Mídias sociais e educação em saúde: o combate às fake news na pandemia pela covid-19. **Revista Enfermagem em Foco**; 11, 2020.

SILVA, M. M. S.; CARVALHO, K. G.; CAVALCANTE, I. K. S.; SARAIVA, M. J. G.; LOMEIO, R. C.; VASCONCELOS P. R., Inserção de Saberes em Mídias Sociais para Educação em Saúde na Pandemia de COVID-19, **SANARE** (Sobral, Online), ISSN: 2317-7748, 2020.

LVIPEREIRA NETO, André et al. O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **Hist. Cienc. Saúde Manguinhos**, v. 22 Suppl, n. supl,p. 1653–1671, 2015.

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) E A ÉTICA EM SAÚDE

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) E A ÉTICA EM SAÚDE